

Boletim Gaúcho de Geografia

<http://seer.ufrgs.br/bgg>

GEOGRAFIAS ADVERSAS E MANEJO SIMBÓLICO

Lucimara Vizzoto Reffatti, Nelson Rego
Boletim Gaúcho de Geografia, 29: 67-76, jan., 2003.

Versão online disponível em:
<http://seer.ufrgs.br/bgg/article/view/38744/26253>

Publicado por

Associação dos Geógrafos Brasileiros



Portal de Periódicos
UFRGS

UNIVERSIDADE FEDERAL
DO RIO GRANDE DO SUL

Informações Adicionais

Email: portoalegre@agb.org.br

Políticas: <http://seer.ufrgs.br/bgg/about/editorialPolicies#openAccessPolicy>

Submissão: <http://seer.ufrgs.br/bgg/about/submissions#onlineSubmissions>

Diretrizes: <http://seer.ufrgs.br/bgg/about/submissions#authorGuidelines>

Data de publicação - jan, 2003

Associação Brasileira de Geógrafos, Seção Porto Alegre, Porto Alegre, RS, Brasil

GEOGRAFIAS ADVERSAS E MANEJO SIMBÓLICO

*Lucimara Vizzotto Reffatti**

*Nelson Rego***

Resumo

O artigo trata da dimensão simbólica do brinquedo, do aparecimento crescente de brinquedos voltados para temários ambientais e ensaios da atividade pública, e de situações existenciais em contextos sócio-econômicos adversos, onde o exercício do brinquedo é uma lacuna. O artigo aborda o encontro de uma prática psicopedagógica com temários geográficos, no sentido da ressocialização de crianças e adolescentes manifestantes de conflituosidades graves, nesses contextos sócio-econômicos adversos.

Palavras-chave: Geografia, Educação, Conflituosidade, Brinquedo, Res-socialização.

Abstract

The article deals with the symbolic dimension of the toy, the increasing growth of toys oriented to environmental subjects and rehearsals of the public activity, and existential situations in adverse socioeconomic contexts, where the exercise of the toy is a gap. The article approaches the interface between a psychopedagogical practice and geographic topics, towards the ressocialization of children and adolescents manifesting severe conflicts in these adverse socioeconomic contexts.

Key words: Geography; Education; Conflict; Toy; Resocialization.

* Pedagoga, especialização em Psicopedagogia, Mestre em Geografia pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul, atuação em clínicas psicopedagógicas e professora em educação de jovens e adultos na Rede Pública Municipal de Educação de Porto Alegre.

** Professor nos Cursos de Graduação e Pós-Graduação em Geografia na Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Doutor em Educação.

BOLETIM GAÚCHO DE GEOGRAFIA	PORTO ALEGRE	Vol. 29	Nº 1	P. 67-76	JAN-JUN, 2003
--------------------------------	--------------	---------	------	----------	---------------

Introdução

Este artigo trata de procedimentos de clínica psicopedagógica que se aproximam de modo significativo de práticas de sala de aula, utilizando temas geográficos como suporte para o trabalho de ressocialização de crianças e adolescentes gravemente conflituados, em periferias urbanas na Região Metropolitana de Porto Alegre. São chamadas de "geografias adversas" o conjunto de condições sócio-econômicas e psicossociais negativas (miséria, violência, ausência de melhores expectativas para a vida) associadas à degradação física de habitações e outras estruturas urbanas. No entanto, o uso da expressão "geografias adversas" é mais sugestivo (inclusive de aspectos indeterminados) do que, de fato, descritivo ou definitivamente designativo de alguma situação. Procura muito mais expressar a subjetividade das percepções acerca de como são sentidos alguns lugares da existência humana do que qualificar objetivamente situações que, além de poderem ser percebidas de modos diversos, não são imutáveis.

Brinquedo

É senso comum em psicologia a noção de que o brinquedo infantil miniaturiza as relações do mundo adulto e de que, ao brincar, a criança vai elaborando, em pequena escala, os papéis sociais que deverá desempenhar mais tarde. Ou, dizendo de outro modo, o brinquedo infantil é um ensaio para a vida adulta.

Quando afirmamos que é senso comum em psicologia a noção de brinquedo como elaboração infantil para a vida adulta, queremos enfatizar que essa é uma noção tão corrente que já não cabe associar a ela a autoria conceitual exclusiva deste ou daquele renomado mestre da psicologia. Essa é uma noção que pertence a todos, ultrapassando a psicologia e se estendendo à pedagogia e também à cultura mais cotidiana de mães e pais e das nossas falas no dia-a-dia.

O brinquedo, então, é entendido como um exercício de aquisição de domínios ou, mais simplesmente, um aprendizado. Um aprendizado que, como todos os outros, é moldado pelas ecologias humanas nas quais está inserido e das quais é, reciprocamente, moldador.

Assim, há cinquenta anos estava univocamente estabelecido que meninas brincavam de casinha e com bonecas, com o propósito de ensaiarem e adquirirem domínio sobre o futuro perfil de mães e sujeitos sociais circunscritos quase exclusivamente à esfera doméstica. Meninos brincavam com miniaturas de automóveis, caminhões ou postos de gasolina, ou com réplicas anãs de exércitos ou, ainda, com peças encaixantes, adequadas para montar pequenas obras de toda espécie de engenharia. Preparavam-se, os meninos, desse modo, tanto

para a competitividade da vida pública quanto para a compulsória solidariedade ou interdependência organizacional dessa mesma vida pública.

Há vinte anos esses ensaios distintos para meninas e meninos já não eram assim tão univocamente distintos, como há cinquenta anos.

Hoje, ainda que possa se manifestar freqüentemente o discurso reiterador de uma suposta inequívoca distinção, é igualmente freqüente a afirmação de que meninos podem brincar de casinha e com bonecas, e que meninas podem também montar pequenas obras de engenharia e adquirir certos domínios, por exemplo, com videogames de guerra. Videogames, aliás, algumas vezes bastante realistas e intensos.

Mudam as ecologias sociais, mudam também as formas de brincar, os ensaios.

Fazendo de conta que o mundo é bom

Um novo cenário vem se consolidando para o brinquedo infantil: o ambiente. Um brinquedo evidentemente endereçado para o ensaio da esfera pública. Esse é um fenômeno novo, que começa a despertar a atenção de pedagogos, psicólogos e profissionais da educação em diversas áreas, notadamente as mais proximamente relacionadas a questões ambientais.

Exemplo disso é o artigo publicado em 1999, "A Informática Perante o Ensino de Geografia: um concorrente ou um recurso?", de autoria de Heloisa Lindau. A autora chama a atenção para as potencialidades apresentadas pelo jogo computadorizado chamado "Sim City" - trata-se, resumidamente, de um jogo em que as decisões tomadas por aqueles que nele se exercitam podem ir transformando uma cidade virtual, equacionando questões de degradação ambiental e social, tornando essa cidade gradativamente mais bonita, confortável e generosa para todos os seus habitantes. Pode-se dizer que "Sim City" ensaia futuros políticos, administradores públicos, geógrafos, arquitetos, engenheiros e cidadãos de um modo geral. Por extensão, um futuro mundo melhor.

Em geografia, é muito forte a noção e a tradição do manejo de objetos e funções que constituem o espaço geográfico, o que implica políticas de alocações de recursos e constantes grafias concretas sobre o espaço, isto é, grafias com existência física no espaço. Sejam grafias materiais que apaguem as marcas de uma história anterior cristalizada no espaço. Sejam grafias materiais que lancem novas marcas no espaço, necessárias para o devir histórico. Aliás, grafar novas marcas e apagar velhas marcas são ações simultâneas. Isso inclui estradas, portos, grandes e pequenas usinas de todo tipo, inclui a multiplicidade de tamanhos e qualidades das cidades, e preservações, destruições e regenerações de coberturas vegetais, cursos d'água, solos, assim como estruturas fundiárias agrárias. Isso inclui, numa palavra, o mundo.

A produção do espaço geográfico é condição necessária para o desenvolvimento das relações de produção e, por via dessa necessidade, as relações de produção são também produtoras do espaço geográfico. Assim, a produção do espaço geográfico pode implicar – e, de fato, tem inseparavelmente implicado – exploração do trabalho de muitos por outros, ou apropriação privada por uns da parte maior do conjunto das riquezas geradas por todos.

Não é porque o manejo do espaço geográfico possa ser um instrumento usado para subjugar que não se possa conceber as potencialidades do manejo em sentido contrário, como um instrumento utilizado na direção da emancipação coletiva da aventura humana sobre a face do planeta.

Brinquedos talvez possam nos ajudar a exercitar esse ensaio e cenário. Como diz uma velha frase, “brincando também se aprende”.

Onde brincar não é fácil

Em periferias urbanas de condições materiais, econômicas, comunitárias e psicológicas bastante adversas, crianças e adolescentes costumam desenvolver rejeições cumulativas e com *efeito cascata*, como aquelas arrumações em linha de peças de dominó em que, derrubada uma peça, esta vai fazendo todas as outras irem desabando.

Essas crianças e adolescentes manifestam suas conflituosidades em casa, nas ruas e na escola - ou, mais exatamente, no curto tempo de escolarização que é o máximo que grande parte poderá atingir.

Em escolas ou em clínicas com sistema de atendimento público, alguns desses adolescentes e crianças (bem poucos, na verdade) terão acesso a um acompanhamento psicopedagógico, pelo qual poderão elaborar melhor o seu modo de lidar com suas conflituosidades e dificuldades de inclusão escolar e social.

Muitas vezes, manifesta-se um conjunto de rejeições interligadas. Rejeição contra a sua própria condição de pobreza, contra a sua família de relações parentais e simbólicas precariamente constituídas, rejeição contra a cor e os matizes de sua pele, contra a ausência de perspectivas melhores para a sua vida, contra a sexualidade precocemente exercida e que começa, tantas vezes, de maneira violentamente forçada.

Essas rejeições retornam umas sobre as outras, reforçando-se mutuamente. Essa carga imensa, crescente e recursiva de rejeições acaba explodindo e implodindo. Implodindo na baixa auto-estima destrutiva da pessoa por si mesma. Explodindo no retruco que essa pessoa dá para o mundo, pois esse somatório continuamente recursivo de rejeições acaba por se fundir numa única grande rejeição de mão dupla: rejeição da pessoa pelo mundo, rejeição do mundo pela

pessoa. As outras pessoas, e os bichos e as plantas e os objetos físicos, podem passar a ser os alvos visados por essa grande mágoa acumulada.

Estamos falando de crianças e adolescentes que são simultaneamente vítimas e agressores num circuito recursivo de agressões físicas e simbólicas, abrangendo a violência sexual e os atentados graves contra a vida.

A agressão praticada por criança ou adolescente que subexiste sob essas condições é também um pedido de socorro que ele dirige a... Ele não sabe exatamente a quem, e nem nós.

Seguindo a metáfora das peças de dominó, a rejeição por ser negro, pobre ou contra o seu próprio corpo sexualizado tão precocemente transforma-se, muitas vezes, em rejeição contra o cenário ou contexto, ou seja, contra o lugar ou geografia proximamente vivida. Rejeição contra a aparência pobre das casas e das ruas, contra a aparência das pessoas. Rejeição contra a ausência de policiamento, que possibilita tantas truculências, e rejeição contra a presença do policiamento, que pratica tantas truculências. Rejeição até mesmo contra os modos de ser dos parceiros de sua idade e que são, afinal, também os modos de ser do próprio ser que rejeita.

Rejeições que vão se projetando e se alongando até as menores coisas. Rejeição contra o filhote de cão ou gato que acabou de nascer, contra a flor que inadvertidamente brotou na fresta de um asfalto rachado, ou contra o vidro novo que o vizinho colocou na casa velha. Mate-se o filhote de cão, esmague-se a flor, apedreje-se o vidro novo da casa do vizinho. Ou fure-se com um estilete o corpo do parceiro de mesma idade e de confusões de todos os dias.

Porém, ainda seguindo-se as peças do dominó, no final das seqüências de rejeições, o exercício dessas rejeições contra o filhote de gato, contra a flor e contra o vidro novo do vizinho talvez ofereçam condições mais flexíveis para que com elas se lide: afinal, talvez o bicho, a flor e o vidro sejam como o brinquedo que ensaia o tempo futuro, e falar sobre o brinquedo é mais fácil.

É muito doloroso lidar com o que acontece dentro de casa, com as valorações simbólicas da cor da pele e com a ausência de melhores expectativas para a vida. É tão doloroso que fica tudo cheio de amarras, difícil de mexer, de desatar, um pouquinho que seja.

Mas talvez lidar com a projeção de tudo isso nos finais das linhas seja mais fácil: o filhote de cão, a flor e o vidro novo do vizinho podem ser símbolos mais fáceis de com eles lidar. Ou a rejeição pela aparência das casas e das ruas podem ser também esses símbolos mais fáceis de tocar, sem ferir demais. Talvez começando pelos finais das linhas possa ser mais viável fazer um pouco do percurso de volta, chegando mais próximo do âmago da dor.

A geografia vivida mais proximamente se oferece, então, como o espelho, exteriorização ou final de linha e bumerangue que retorna para o que é sentido como uma convulsão interior. O manejo simbólico dessa exterioridade, através

de brinquedos com temário sócio-ambiental, pode ser a porta de entrada para um pouco do que se convulsiona interiormente.

Jogos computadorizados, nesses casos, são quase sempre uma impossibilidade financeira. Além disso, faz-se fundamental a interlocução com um outro, isto é, a abertura para um outro, nesse diálogo e brinquedo que tem por suporte os assuntos da geografia próxima e das ecologias de extensões mais abrangentes que permeiam e são permeadas pelas ecologias mais domésticas.

Para esses brinquedos que podem ensaiar alternativas de outros modos de viver, jogos computadorizados não chegam a ser, portanto, os melhores modos de brincar, tanto por razões financeiras quanto por razões de interlocução, voz a voz, escuta a escuta, rosto a rosto. Idéias, porém, podem ser adaptadas. Mais ainda: cada idéia pode ser, sempre, uma inspiração para outras tantas novas idéias.

Jogando com a dificuldade

Num trabalho psicopedagógico associado ao acompanhamento de crianças que manifestaram conflituosidades extremas em escolas públicas na periferia urbana de Porto Alegre, um dos brinquedos geográficos que demonstrou maior alcance quanto a resultados alcançados foi uma espécie de "Sim City" dos que têm poucos recursos materiais e precisam compensar isso com o aumento de imaginação.

Esse brinquedo pode ter muitas variantes, mas a sua matriz básica, aplicada na clínica psicopedagógica, consiste muito simplesmente em brincar com os pequenos pacientes de desenhar e construir maquetes de lugares urbanos com carências sócio-ambientais (são representações que eles fazem de seus cotidianos) e confeccionar com eles uma coleção de cartõezinhos monetários (cheques), com valores diferenciados, que podem ser distribuídos sobre as partes do desenho ou maquete, permitindo então o refazer e o melhoramento destas partes do desenho ou maquete.

É importante, aqui, enfatizar que a própria insuficiência dos recursos simbolicamente criados gera situações de dilemas e, por conseqüência, de negociação dialogada, e que exatamente isso é a essência apropriadora de novos domínios cognitivos e emocionais propiciada pelo brinquedo. O brinquedo proporciona situações de elaboração individual, em contato com o discurso dos outros (terapeuta e colegas), face à necessidade de cada um estabelecer e argumentar a favor de suas prioridades.

Repetindo, para enfatizar: o fundamento desse brinquedo com regras (isto é, jogo) é que os valores necessários para o melhoramento mais abrangente das condições sócio-ambientais é sempre significativamente bem mais alto que os valores monetários e simbólicos que nós, os participantes do brinquedo, nos autoconcedemos. Isso ajuda de modo extraordinário a exercitar as noções de

limites e potencialidades, essas noções aparentemente opostas e, no entanto, simultaneamente complementares e formadoras do sujeito. Noções, essas, enormemente obscurecidas no dia-a-dia formador desses sujeitos mirins, inscritos na dureza embrutecedora do macrocontexto.

Insistimos: noções de limites e potencialidades podem ser exercidas de modo associado, num exercício de contínuo estabelecer, sustentar e reconsiderar escolhas, encontrando no diálogo o veículo ou ecologia para realizar essas mediações.

Nessa prática simbólica e participativa, a geografia, ao oferecer ao paciente e/ou aluno nada menos do que o mundo como objeto de análise e compreensão, oferece, efetivamente, a dimensão da exterioridade em relação dialógica com a interioridade do sujeito. Ou, em outras palavras, em uma perspectiva fenomenológica freireana, o ensino de geografia pode ser o processo pelo qual o paciente e/ou aluno compreenda o que está em torno de si (o mundo, em diversas escalas) como algo que também está dentro de si, internalizado, algo que o constitui como pessoa. Assim, enquanto busca compreender o que está em torno de si, esse mesmo sujeito pode ter sua atenção centrada nos modos como ele pensa e age em relação a este entorno que está também dentro de si. O tema gerador pode ser, por exemplo, as condições ambientais de uma periferia urbana. O que estará aí sendo discutido não é apenas o objeto aparentemente externo ao sujeito, mas simultaneamente, o próprio sujeito. Quais os caracteres do ambiente que ele prioriza como objetos de observação? Quais os que ele negligencia? Por quê? Quais as suas relações cotidianas com o ambiente observado? Que ações e novas posturas ele formula para si (e em discussão com os outros) ao tratar desse tema?

É bastante evidente a relação disso tudo com a proposição de Guattari (1991) de que a elaboração pessoal de novas concepções sobre aquilo que nos envolve pode ter um alcance pedagógico e terapêutico muito grande em relação a estados conflitivos pessoais, que se caracterizam pelo fechamento do ser sobre si mesmo, pela suspensão do diálogo com os que estão em torno.

Guattari estende o conceito de ecologia de sua esfera tradicional para a totalidade da organização social, formulando a concepção de três ecologias entrelaçadas: a ecologia da rede de relações físico-naturais; a da rede de relações do trabalho, que transforma continuamente a natureza em natureza humanizada; e a da rede de idéias, que o autor qualifica como uma rede de produção de subjetividade, em níveis que vão do global ao individual.

A indissociabilidade dessas três ecologias consiste no fato de que as redes de relações interferem cada uma na dinâmica das outras, numa produção cultural de valores subjetivos que demandam determinadas produções econômicas que, por sua vez, modificam os destinos do mundo físico-natural e este, dialeticamente, na condição de meio, retorna na forma de condicionamentos sobre os caracteres psicossociais de grupos e indivíduos que influenciam na sua produção. Entende-

se por "meio" tanto a ambiência das ecologias sociais, quanto o meio físico da natureza modificada pela sociedade e que, tal como um espelho, devolve à sociedade – na visibilidade das paisagens por ela criadas – o verdadeiro caráter de suas motivações psicossociais.

Em Guattari (1991), a representação de mundo é um importante elemento da ecologia social, pois se trata do modo como os indivíduos – constituídos na rede social de produção de valores – representam essa mesma ambiência em que se constituem. É a partir dessa representação, geralmente subconsciente, que eles interagem com essa mesma ambiência. Exercitar essa representação de mundo, isto é, torná-la mais elaborada, mais consciente, torna-se um modo, portanto, de qualificar a própria relação do sujeito da representação com o seu mundo.

É importante destacar aqui as proximidades entre as práticas da clínica psicopedagógica e as práticas da sala de aula, através de jogos e diversos tipos de representações da cotidianidade vivida e elaborações de juízos de valores e expressões desejantes. Essas proximidades constituem uma convergência necessária, pois, se a prática terapêutica é também educacional, a prática educacional também pode ser, mesmo que subconscientemente, terapêutica – sobretudo em contextos em que a conflituosidade do indivíduo estabelece um circuito cumulativo de espelhamentos com a rejeição de seu meio. O trabalho terapêutico/educacional que, então, precisa ser desenvolvido é a transformação desse sentimento de rejeição (manifesto como apatia e/ou agressividade) em sentido de participação transformadora, relativa a esses quadros difíceis do contexto social.

Denominamos de manejo simbólico a esse conjunto de procedimentos a serem continuamente reinventados, constituídos por representações, juízos e expressões desejantes – através de jogos, desenhos, jornalzinho, teatrinhos, exposições etc., no sentido de que, através do manejo do objeto que pode ser modificado com as próprias mãos, adquire-se um certo "poder" sobre os grandes objetos do meio, por objetos menores representados. Com isso, exercita-se a passagem do sentimento de exclusão/rejeição do mundo para um sentimento de participação/transformação em relação ao mundo.

A conflituosidade extrema manifestada por crianças e adolescentes que chegam até a clínica psicopedagógica pode ser entendida como simplesmente a acentuação de uma conflituosidade pulsante no quadro escolar, social e cotidiana em que esses sujeitos existem, fazendo-nos conceber que, sob essa perspectiva, sala de aula, instituição escolar e clínica são pontos bastante próximos entre si sobre a extensão de um mesmo universo social.

Práticas de socialização que demonstrem relevância na escola podem ser adaptadas para a clínica, e vice-versa. Os intercâmbios entre escola e clínica podem ser mutuamente inspiradores, quando a abordagem da psicologia do indivíduo se enraíza na ecologia do coletivo.

Nossas práticas nos evidenciam que criar novas formas de diálogos ativos em relação ao meio em que se vive pode alcançar significativos resultados onde os cotidianos pareçam produzir mais a fragmentação do ser do que a sua felicidade.

Existe uma velha expressão - tomar a sopa quente pelas bordas - que nos parece aplicável ao significado dessas práticas que genericamente estamos chamando de manejo simbólico. De algum modo, exercitar escolhas, limites e potencialidades em nossas relações com as coisas acaba por produzir efeitos que, às vezes mais, às vezes menos, esboçam movimentos em direção ao centro mais sensível do ser, que é a constituição de si próprio na relação com os outros.

Declaramos a evidência de possibilidades felizes em nossas práticas na mesma medida em que, junto com as pequenas vitórias diárias, somos também todos os dias derrotados, não só pelos nossos estreitos limites e capacidades pessoais, mas, sobretudo, pela gigantesca dimensão de contextos que são, afinal, muito maiores do que o alcance do nosso, talvez ingênuo, voluntarismo. Em outras palavras, sentimo-nos respaldados para declarar a evidência de possibilidades felizes porque, de dentro da adversidade e das derrotas cotidianas, extraímos também as pequenas vitórias cotidianas.

Para finalizar, gostaríamos de enfatizar que não estamos defendendo uma precedência da educação, ou do psicológico e do cultural, sobre o econômico e o político, no sentido de uma transformação social. Tampouco defendemos o inverso, que seria uma precedência do econômico sobre o cultural, educacional e psicológico. Não acreditamos em mecanicismos. Acreditamos numa complexidade onde as fronteiras entre o estrutural e as pulsações dos processos de subjetivação tornaram-se indiscerníveis, onde uma ação consistente exercida num lugar pode exercer efeitos migratórios, deslocando-se e sendo assimilada pelas sinergias de lugares outros, em diversas e interpenetradas escalas.¹

¹ Texto fundamentado no trabalho desenvolvido em clínicas psicopedagógicas por Lucimara Reffatti, com orientação de Nelson Rego, consistindo esse trabalho, em grande parte, numa adaptação para o tratamento clínico de práticas de ensino em geografia e áreas afins, com temários ambientais e comunitários. O trabalho foi desenvolvido em clínicas psicopedagógicas que atendem crianças e adolescentes da Rede Pública Municipal de Ensino Fundamental e Médio na periferia urbana de Porto Alegre, sobretudo no Espaço Terapêutico Oficina de Aprendizagem, durante o quadriênio 1997-2000. Essa experiência representou a base para a Dissertação de Mestrado de Lucimara Reffatti, no Programa de Pós-Graduação em Geografia, na Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Referências bibliográficas

- GUAITTARI, F. **As três ecologias**. Campinas: Papirus, 1991.
- LINDAU, H. G. L. A informática perante o ensino de geografia: um concorrente ou um recurso? **Boletim Gaúcho de Geografia**, n. 25, Porto Alegre: AGB, 1999.
- REFFATTI, L.V. Representações de mundo - iniciando um trabalho psicopedagógico em interface com uma geografia fenomenológica. In: REGO, N.; SUERTEGARAY, D.M.A.; HEIDRICH, A. (Orgs). **Geografia e educação: geração de ambiências**. Porto Alegre: UFRGS, 2001.